



José Cardoso Pires

O SANTUÁRIO SELVAGEM

Abro o jornal e delicio-me: em Courel, lá para os lados de Barcelos, a população fechou a escola primária para não deixar entrar os professores e muito menos a directora que, pelos vistos, é uma herética de primeira apanha. A autoridade escolar protesta contra esta guerrilha popular, a GNR corre a deitar abaixo as grilhetas, mas, passado tempo, tudo volta ao mesmo. Escola acorrentada, professores a falar para as moscas e os extremosos pais das criancinhas a açoitarem-nos com ameaças de fazerem tremer os céus.

Courel, vê-se logo, é terra de muito orgulho e especialíssima na sua maneira de encarar as coisas. A ela ninguém lhe faz o ninho atrás da orelha e muito menos a directora da escola que, por sinal, até fuma. Pior ainda: como professora (vade retro, Satanás) dava aos alunos mais velhos noções básicas de educação sexual.

Courel, vê-se logo, é terra de muito orgulho e especialíssima na sua maneira de encarar as coisas. A ela ninguém lhe faz o ninho atrás da orelha e muito menos a directora da escola que, por sinal, até fuma. Pior ainda: como professora (vade retro, Satanás) dava aos alunos mais velhos noções básicas de educação sexual e mostrava-se tão desconfiada que mandou analisar a água que se consumia na escola, não andassem por lá bichos de peste a navegar.

Ora, Courel não é, graças a Deus, nenhuma Évora de envenenados a prazo, era o

que faltava. De modo que os homens bons lá da terra, quando souberam que os serviços de saúde iam à escola recolher amostras para análise da sua água cristalina, duvidaram justificadamente das razões de tanto zelo e, fiéis à sua prática de acorrentadores, fecharam outra vez a escola bem fechada. Como se proclamassem:

Para longe, para longe,
que a água do Courel
é mais santa do que o mel!

E o caso é que os funcionários da inspecção sanitária fugiram dali para fora a sete pés e até hoje nunca mais lá voltaram.

Quanto a isso de se quebrar a inocência das crianças com retóricas de educação sexual, estamos conversados. Só quem não tenha olhinhos é que não vê aonde essa malignância quer chegar: deboche, prostituição, bandalheiras e coisa e tal, e o melhor é ficarmos por aqui. Lembrarei apenas que uma heresia desta força não é de espantar, vinda, como vem, da boca duma professora que fuma como os homens. E naturalmente que um tal exemplo de mundice jamais poderia ser tolerado pelos honrados de Courel que conhecem muito bem a provocação que o cigarro representa para a moral e para a saúde.

Sabe-se que tempos houve neste país em que as senhoras (se assim se lhes pode chamar) eram proibidas de fumar em público — mas isso foi quando os costumes e a vergonha andavam de mãos dadas. E os habitantes de Courel mais viajados pelas cidades dessa época talvez ainda se lembrem de certos escândalos ocorridos em cafés e pastelarias aonde as autoridades eram chamadas a expulsar as cavalheiras praticantes do sórdido vício do tabagismo. Mas se hoje a lei geral

é outra, Courel está-se nas tintas para a lei; e se a professora fumante insistir naquele despropósito não tardará a aparecer acorrentada na praça pública com um cigarro pendurado ao canto da boca.

Passaram-se dias sobre as notícias do santuário de Courel, ali onde o fundamentalismo hortelão irradiou uma luz de muito exemplo sobre o Portugal em que vivemos. O milagre dos pais enraivecidos ainda faz chorar lágrimas de gratidão por toda a pátria lusitana e eis que, de repente, me aparece no telejornal o Messias daquela cruzada, que é nem mais nem menos que o presidente da junta de Freguesia lá da aldeia.

Eles, em pessoa. E eu fico emocionado, acreditem. O homem apresenta um ar de aprendiz endomingado mas adivinha-se que tem cultura porque traz na mão um papel coberto de caligrafias. Pelo que fala e nada diz depreende-se o muito que sabe e, daí, a modéstia dos justos que lhe está no rosto. Olho-o com atenção. É ele o grande líder do fundamentalismo de Courel, o legislador da corrente e do cadeado.

No ecrã vejo passar depois em fundo a professora excomungada. Mas essa passa apenas. Não fala, não pode falar porque, como se sabe, o ministro impõe a “lei da rolha” aos seus funcionários e ela afasta-se, num silêncio corajoso, por uma rua da aldeia. E pronto. Aqui o telejornal dá o assunto por arrumado e muda para outras guerras: bónias, angolas, sudões, o trivial.

Mas eu fico a pensar em Courel, fechada numa muralha de correntes. Algures, não sei onde, levantam-se vozes de crianças, sons perdidos, desgarrados. Solitários como ecos. ●